

# Resenha da tese de Doutorado de Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães

*Review of Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães' PhD thesis*

Dra. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa  
Universidade de São Paulo e Universidade Anhembi Morumbi  
E-mail: anamaebarbosa@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4966-2043>

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. *Experiências de ensinar / aprender artes visuais: o estágio curricular como campo de investigação na formação inicial docente*. Orientadora Profa. Dra. Lúcia Gouveia Pimentel. 2019. (194p.) (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Programa de Pós- Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Resenha de: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Revista Pós*, EBA/UFMG, Belo Horizonte, v.9, n. 18, nov. 2019.

Resenha recebida em  
Artigo recebido em: 01/10/2019  
Artigo aceito em: 13/10/2019

Como diz Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães em sua excelente tese de doutorado *Experiências de ensinar / aprender artes visuais: o estágio curricular como campo de investigação na formação inicial docente*, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1996, “falavam do professor reflexivo e, hoje, se fala da escola reflexiva” (p. 11). Portanto, deveria ser outra a abordagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a qual Ana Del Tabor analisa com argúcia. Por meio de suas análises, percebo que a BNCC toma partido de algo que a educação contemporânea busca se livrar, as diversas dicotomias: criação / crítica; estesia / expressão; fruição / reflexão.

Além de um tipo de dicotômica forçada, pois a crítica existe na criação e a criação existe na crítica; a proposta é, pois, rebarbativa. Existe reflexão na criação, na crítica, na expressão, na fruição, na percepção e aguçamento dos sentidos – como prefiro nomear a estesia que, sofisticadamente, a BNCC prefere para parecer “cultu” no velho sentido. Parece que a única coisa clara que há na BNCC é a intenção de se livrar da “contextualização”. Resta-nos, assim indagar: seria por que a contextualização é porta aberta para o social? Ou por que é o professor o responsável por escolher o caminho? São duas vertentes abertas que poderiam provocar outras discussões.

Na superfície do contexto da educação dita de ‘qualidade’, a ideia dos políticos sobre boa qualidade de ensino, hoje, começa por negar autonomia ao professor e dar lugar a modelos educacionais que tiveram / têm êxito em outros países, por exemplo, o modelo da Finlândia. Nesse caso, especificamente, deveríamos primeiro importar o clima da Finlândia, o sistema de saúde, o sistema de tempo integral em todas as escolas, o largo tempo dedicado às Artes no currículo etc.

Saliento aqui que não sou contra as mudanças, acho que elas deveriam ocorrer a cada dez anos, pelo menos, no sistema universitário de formação de professores de educação básica e também de Artes (Licenciaturas), mas que fossem baseadas em pesquisa constante e acompanhamento crítico contínuo. Por exemplo, os PCN reinaram por 20 anos e geraram poucas e esparsas pesquisas. Na época, foram implementados com alarde, com discurso de convencimento que chegavam as raias das “fake news” tão em voga hoje. As autoridades apresentavam os PCN como novidade absoluta, diziam que nunca sequer havia sido apresentado um currículo nacional no Brasil. Contudo, até o fim dos anos 40 o currículo do

Colégio Pedro II era o currículo obrigatório para todos as escolas públicas do Brasil e para os livros didáticos.. Ao nos livrarmos desta uniformidade, o período que se seguiu dos anos 50 a 1964, foi a melhor época de experimentação educacional do país. Ao contrário de sua entrada bombástica no sistema de educação, os PCN desapareceram como em um passe de mágica, e, aos poucos, foram eliminados do *site* do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Que resultados produziram? Quais pesquisas suscitaram? Sobre os PCN de Arte, conheço apenas uma tese de bastante relevância, de Maristela Sanches Rodrigues (2016), do Instituto de Artes / UNESP, orientada pela professora Rejane G. Coutinho, que analisa como os professores de arte usavam os PCN em São Paulo, chegando à conclusão de que apenas um dos vinte professores entrevistados, usava, literalmente, os PCN nos conteúdos e na progressão indicada pelos Parâmetros em Ação. Os outros entrevistados seguiam os PCN, diversificando, segundo o contexto de seus alunos e de sua própria formação em Artes Visuais.

Agora em 2019, surge a tese de Ana Del Tabor, que por sinal, está muito bem estruturada, que apresenta pesquisa e argumentação profundas na área da educação. A pesquisa é vasta, compreende 71 discentes, 4 turmas de licenciaturas da Universidade Federal do Pará – UFPA (2012-2015), 284 relatórios lidos, 140 analisados, 178 *e-mails* trocados com egressos da Licenciatura em Artes Visuais da UFPA. Além disso, destaco o questionário *online*, na rede de abril de 2017 a março de 2018. Trata-se, portanto, de um trabalho de fôlego, pelo qual parabeno a orientanda e a orientadora por mais essa contribuição valiosa no âmbito da Educação. Ana del Tabor tem uma longa e reconhecida história como arte educadora, influente não só no estado do Pará, mas em todo o Brasil, pois já foi presidente da Federação dos Arte Educadores do Brasil – FAEB – gestão 1994-1996. Integrou todos os projetos significativos em Educação deste país, como o GERA do MEC (2006), ENEM, o PNAIC, entre outros.

Logo na Introdução de seu texto, a pesquisadora demarca seu *lócus* de enunciação, de onde fala e para quem fala, e, no Capítulo 1, o que pretende com a pesquisa: descobrir o que pensam os discentes da UFPA sobre os estágios que realizaram em escolas e instituições culturais, principalmente o que pensam da sua própria formação e dos estágios como espaço de ensino e aprendizagem.

No Capítulo 2, a autora analisa as diretrizes curriculares nacionais para a graduação em Artes Visuais, Licenciaturas e formação continuada. Já no Capítulo 3, ela apresenta um questionário muito bem planejado para explorar as concepções e percepções dos discentes estagiários. As análises mais aprofundadas do seu objeto de pesquisa estão concentradas no Capítulo 4, nas quais a pesquisadora compara, coteja e comenta os valores atuais e as concepções históricas que permeiam as respostas extraídas dos questionários.

Além disso, para não deixar nenhum aspecto inexplorado, aplicou um questionário em 16 professores atuantes em sala de aula. Desse modo, a pesquisa envolve as duas extremidades principais do processo de ensino e aprendizagem, o que mostra a capacidade de orientar pesquisas em educação.

Um ponto que tomou minha atenção foi a qualidade das respostas dos alunos da UFPA. Os alunos de 2017, obviamente por conta da curta distância temporal, oferecem respostas mais longas, mais claras e assertivas, os demais, de anos anteriores, tiveram de contar com a memória, mas todos demonstram que tiveram formação de alta qualidade e competência.

Antes da difusão das dissertações e teses pela internet, fiz, 26 anos atrás, uma pesquisa com 90 pesquisas de Mestrado e Doutorado sobre Arte Educação, a maioria delas com entrevistas de alunos de licenciaturas. As respostas obtidas eram ingênuas, demonstravam falta de leitura sobre a área e defendiam um espontaneísmo não justificado e, o pior, reinava a ideia de que se ensina arte para desenvolver uma vaga sensibilidade. Fiquei muito impressionada com aquilo que, na época, chamei de anemia teórica e cheguei a perguntar em várias aulas e encontros com professores o que queriam dizer com sensibilidade? Ouvi absurdos, entre eles, que sensibilidade seria “chorar quando se assiste a um filme triste”. A teoria da sensibilidade pode justificar a importância do ensino da arte, mas é Filosofia, é Fenomenologia, e não lamúria psicologizante, como diz Rosalind Krauss. Poucos alunos da UFPA falaram sobre sensibilização, estética e artística, mas a legislação de 2009, que determina os Currículos mínimos para os bacharelados e licenciaturas em Artes Visuais, baseia-se, principalmente, nesses dois termos, como a própria Ana del Tabor mostra na página 55 da sua tese.

Comparando as respostas teoricamente embasadas dos alunos da UFPA sobre a Abordagem Triangular, com os resultados de uma pesquisa com os alunos da FAV-UFMG sobre esse assunto, feita por Leda Guimarães dez anos atrás, intitulada “Processos de Triangulação na trajetória docente: da Educação Artística à Educação a Distância”, publicada no livro *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais* (São Paulo: Ed. Cortez, 2010. p. 409-442), as respostas dos alunos da FAV não fazem o menor sentido, pois são baseadas na ignorância teórica absoluta, não apenas do desconhecimento da Abordagem Triangular, mas de qualquer base teórica. Na época fiquei tão assustada que repliquei o questionário da professora Leda com os professores de sala de aula da Secretária de Educação de Goiânia e respirei aliviada, pois a maioria deles, que não tinha cursado a FAV, demonstrou conhecimentos de bases teóricas da Arte Educação, não no mesmo nível dos alunos da UFPA, sujeitos da tese de Ana Del Tabor, mas, pelo menos, não confundiam Arquitetura com Arte/Educação. Mais um argumento para minha hipótese de que nos últimos anos o Ensino de Artes Visuais melhorou muito em todos os níveis.

Uma característica dos alunos da UFPA é que não são gratuitamente desqualificadores dos trabalhos dos professores que observaram, procuram entender as raízes teóricas e práticas das ações desses professores.

A escolha da escola para estagiar é mais ou menos como na época quando fui professora de prática de ensino e estágio supervisionado da ECA/USP. Os alunos procuram a escola mais próxima ou da universidade ou do lugar onde moram. Entre os alunos da UFPA, é interessante que buscaram as escolas onde estudaram, o que é uma forma de rever sua própria formação. Grande parte deles procurou a Escola de Aplicação da universidade, o que seria uma garantia de boa orientação. No meu tempo, por vários anos, a Escola de Aplicação da USP não aceitava os estagiários de Artes Visuais da ECA. Quando consegui que aceitassem, foi um trabalho muito profícuo. Os estagiários da UFPA sugeriram a ampliação de convênios da universidade com outras escolas.

Fiquei entusiasmada com os alunos da UFPA. São alunos que leem muito, sabem associar textos de diferentes posições teóricas e apresentam ideias próprias, a partir de suas leituras. Grande número de alunos se referiu positivamente às aulas de história da arte observadas, elogiando os professores que ensinavam História da Arte aos alunos do Ensino Básico,

dizendo até que era algo de que sentiam falta, maior conhecimento histórico. Entretanto, a concepção de história, dos estudantes, nas entrelinhas, se revela modernista, a ideia da história da arte como um desenvolvimento contínuo da arte, o que vem depois sendo mais avançado do que o que veio anteriormente. Portanto, uma concepção europeia de história da arte. Isso me deixou pensando seriamente se não precisamos das duas coisas, uma forma de dizer aos alunos que os europeus pensam assim, com os -ismos; nós podemos pensar de outra maneira, sem desautorizar a classificação que os europeus criaram para sua própria história. Podemos seguir os decolonialistas, criando nossa própria História, mas esclarecidos sobre as outras Histórias, até mesmo a europeia. O que não é aceitável é a submissão absoluta e, às vezes, até inconsciente aos códigos europeu e norte americano branco. Uma surpresa que tive nas respostas dos alunos foi o valor que dão ao planejamento. Como preparei por muito tempo pesquisadores em Arte/Educação e agora ensino aos *Designers*, começo a ver maior identificação dos dois grupos que buscam reconhecer a importância do planejamento de programas, de cursos e de aulas. Diria até que a Pedagogia sairia renovada se considerasse o “Design Thinking” como metodologia de ensino, pois o planejamento é realizado em etapas verificáveis e, por fim, prototipadas para avaliação. Trata-se de uma rede de planejamento como a ideia de uma rede de experiências proposta por Dewey.

A tese de Ana Del Tabor me deixou muito entusiasmada e confirmou minha hipótese de que nos últimos 25 anos o ensino e aprendizagem da Arte se desenvolveu como nunca neste país.

A consciência crítica dos egressos da UFGA sobre ser professor e professora comprova isso.

Contudo, essa é só minha conclusão de leitora. Não é uma das respostas que Ana Del Tabor procurava. As respostas que ela procurava estão na Conclusão do seu texto, explicitas em seis propostas para aprimorar os Cursos de Licenciatura, das quais destaco a ideia de “incentivar o diálogo com base nas poéticas advindas do ensino / aprendizagem em seus processos de criação / reflexão das práticas educativas em Artes Visuais nas escolas” (p. 177).

Não vou dar *spoiler*. Leiam a tese e pensem acerca das propostas da autora para a melhoria da formação inicial em Artes de docentes.

A tese deveria ser publicada para ser distribuída ao Conselho Federal de Educação.

O que pensam os ex-alunos é que deve guiar qualquer reformulação de ensino das Universidades. Para mim, é isso que distingue um Projeto Tradicional de Educação e um Projeto Democrático: ouvir os alunos.